

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Francisco Lopes dos Anjos**

registada em 2008-09-17  
por

Cláudia Simões e Joana Ribeiro



## Francisco Lopes dos Anjos

Francisco Lopes dos Anjos nasceu a 26 de Fevereiro de 1937, no Piódão. O pai era César Lopes Pacheco e a mãe Maria dos Anjos. Os irmãos andavam a servir e Francisco, com 7 anos, também quis ir servir. Esteve a servir no Pisão de Côja, quase três anos, mas depois, a pedido do pai, regressou à aldeia. Depois voltou a servir no Porto da Balsa, durante um ano. Ainda trabalhou na floresta , mas depois foi para o Ribatejo. Trabalhou nas Minas da Panasqueira, foi para Lisboa e depois regressou novamente. Voltou para as Minas, andou mais dois anos e foi novamente para Lisboa, onde esteve 25 anos. O primeiro trabalho lá foi na Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau. Depois foi para a Sociedade Nacional de Sabões, em Marvila. Mais tarde, um irmão convidou-o para ir trabalhar com ele para o comércio. Regressou mais uma vez ao Piódão e por fim trabalhou 11 anos em Lisboa, novamente. Fez o exame da terceira classe quando trabalhava no bacalhau. Depois o da quarta fez no Ateneu, em Marvila. Andou lá numa escola e fez então o exame. De lá foi para o comércio. Namorou no Piódão, casou e teve quatro filhos.

# Índice

Identificação Francisco Lopes dos Anjos.....	4
Ascendência César Lopes Pacheco e Maria dos Anjos.....	4
Casa Casas tradicionais.....	6
Infância "Tão pequeno queres ir servir?".....	7
Educação "Fiz na escola 20 o exame da terceira".....	8
Religião Uma vida sempre perto de Deus.....	8
Casamento "Havia muito respeitinho".....	12
Percurso profissional Do trabalho do campo para o trabalho na cidade, passando pelas minas.....	13
Costumes A união faz a força.....	18
Filosofia Uma força interior vinda do céu e da terra.....	26
Quotidiano "Tenho sempre o tempo ocupado".....	28
Lugar Sem luz nem esgotos.....	29
Pessoas Padre Ilídio Santos Portugal.....	30
Sonhos "Comprei aquela casinha".....	30
Avaliação "Muitas coisas que deviam ser divulgadas".....	31

## **Identificação *Francisco Lopes dos Anjos***

O meu nome completo é Francisco Lopes dos Anjos. A data de nascimento é 26 de Fevereiro de 1937. Portanto, fiz, no dia 26, 71 anos. O local de nascimento foi Piódão.

## **Ascendência *César Lopes Pacheco e Maria dos Anjos***

O meu pai era César Lopes Pacheco e a minha mãe Maria dos Anjos. Eles apanharam o Pacheco, eu apanhei o Lopes.



**César Lopes Pacheco e Maria dos Anjos,  
pais de Francisco Lopes dos Anjos**

Da parte dos meus avós eram dez filhos de cada um. Dez e parece que até eram 11. Um morreu em pequenito. Já não conheci os meus avós. Do meu pai também eram dez. Do meu sogro também eram dez. O meu sogro era um homem aqui muito estimado, era o presidente da Junta, era uma pessoa de respeito. Era meu primo direito. Tenho um irmão que também teve dez filhos ainda. Agora até está em Lisboa.

O meu pai andou até um pouco afastado da Igreja, mas aí da gente se passasse pelo senhor prior e não tirássemos a boina. Quando chegássemos à escola, se não dissesse: "Bom dia minha senhora" e não lhe tirássemos o boné. Uma coisa que ele tinha: era muito recto e muito severo. No entanto, era muito sincero. Queria tudo pelo direito.

O meu pai faleceu no dia em que eu fiz 30 anos. Fiquei com uma recordação. Nunca tinha festejado os anos. Esse ano andava lá nas Minas da Panasqueira e eu disse até para o meu irmão:

- Olhe, como o pai está de cama e para fazermos companhia à mãe, esse dia vamos fazer bacalhau assado, tenho ali dois coelhos à caçador e há aí já dez litros de vinho para estarmos a conviver.

Depois o meu pai já me tinha dito:

- "Olha, não vás mais."

Mas eu tinha-me aleijado num seixo e disse:

- Ó pai, eu vou porque tenho um dedo aqui inchado que está infectado.

- "Então vai, mas vem depressa. Vem depressa ou já não me encontras."

O meu pai pressentiu a morte mesmo. E então depois eu vim. Eu gastava aí umas três horas e meia e nesse dia, gastei duas horas e 25 minutos. Eu até galgava tudo. Cheguei lá, passei à minha porta. O meu pai morava em baixo, estava no andar de baixo. Ia a minha mãe com uma mão cheia de lenha da loja para cima e eu disse:

- Ó mãe, então e o pai?

- "Olha, ele já desde as dez horas que não fala. Ele de manhã lidou muito por ti."

Disse ele: - "Aí que já não vejo aquele querido filho que eu estou nos últimos momentos da minha vida."

Ele pressentiu muito bem a morte e depois eu quando cheguei:

- Então pai está melhor?

Ele pôs sobre a travessa o cotovelo e disse:

- "Ah já vieste, ainda bem! Só estou a pedir uma santa morte. Dai-vos bem uns com os outros e, olha, ide ouvir missas, porque eu andei uns anos que descuidei-me. Andei afastado, mas Deus é rico em misericórdia."

Eu emprego muitas vezes isso nas minhas práticas. Deus é rico em misericórdia.

- "E vai aceitar irem vocês ouvi-las. Ele vai-nos aceitar em desconto, porque eu estou arrependido. E o Senhor, desde que estejamos arrependidos, nunca negou o perdão a ninguém. Também não me vai negar a mim."

Se estiver a falar ou a pensar em pessoas que morreram fico chocado, mas neste não fico nada chocado. Nada. E eu fiz as nove sextas-feiras que ele andou afastado da Igreja. Fiz nove sextas-feiras por ele. E ele a partir daí um

dia preparou-se, vestiu-se andava assim a passear na casa, com jornal debaixo do braço eu disse:

- Ó pai, então o pai vai ver os meus irmãos a Lisboa?

Eu já tinha uns irmão em Lisboa. Os mais velhos é que ajudaram a criar os mais novos. Diz ele assim:

- "Não, vou-me reconciliar. Vou. Preparei-me porque vou-me reconciliar e vou-me confessar hoje."

Ele andou uns 17 anos sem se ir confessar. Apanhou lá uma chatice qualquer com um padre que aí esteve, ele nunca me contou bem. E depois eu fiz-lhe as nove sextas-feiras e a partir daí ele era comunhão diária. Pedia ao senhor padre que cá estava para lhe levar o sagrado, queria comungar todos os dias e foi até ao último dia, até morrer. Então teve uma morte santa. Eu cheguei e ele disse:

- "Olha fica cá esta noite."

- Ó pai eu venho tão maçado, fica cá o Manuel. - que é o meu irmão, aquele que tem dez filhos, que na altura estava cá. - Olhe fica com o Manuel pai, eu venho tão maçado de trabalhar. Olhe eu ando lá ao pé de uma giesta ou que é aquilo, é quase no nível um a vir de lá de baixo de onde eu ando. Faz de conta que eu entro ali à eira e ando lá em baixo ao pé da Foz d'Égua a fazer aquilo tudo. Ainda ando bem, mas chego cá fora e já venho maçado e depois ainda esta caminhada.

- "Não, mas fica cá tu também."

Fiquei, eram umas três da manhã eu levantei. Ele tinha com um copo de alumínio azul de esmalte e bateu com a colher e assinalou que queria água. Depois disso já não falou mais. Eu fui para lhe dar água pelo copo e ele já não conseguiu beber. Dei-lhe três colheres de água. Eu estava numa cama ao lado, fui-me a deitar já me deixou de respirar. Teve uma morte santa portanto, no dia em que eu fiz 30 anos. Era um Domingo. Ainda andei lá nas Minas cinco dias, mas parece que até ouvia a voz dele da rocha:

- "Não vás mais. Ó, mas prometes que não vais mais."

## **Casa Casas tradicionais**

A casa onde geralmente viviam os pais tinha um quarto, a cozinha e a loja onde tinham as coisas. A cozinha era onde se secavam as castanhas e secava o enchido. Depois tinham outras casitas onde, por exemplo, os rapazes iam dormir. Ali ficavam os pais na casa e depois juntava-se a rapaziada e faziam patuscadas.

## **Infância *"Tão pequeno queres ir servir?"***

Os meus irmãos andavam a servir e eu, com 7 anos, também quis ir servir. Ainda me recordo.

Andava um senhor. O senhor Manuel da Assunção. Ele via mal, coitado, não podia andar a trabalhar e andava a pedir. E então eu disse:

- Olhe, se houver quem queira lá um criadito, diga-lhe que há cá um rapazito que vai servir.

Ele lá disse e um dia apareceu ali com um senhor do Pisão de Côja que era sapateiro. Os meus pais andavam a fazer uma cavada. Eu fui à procura do meu pai. Andava para lá do cemitério. Chamei, chamei ali às casas, a seguir ao cemitério assim adiante às Eiras Cerquinhal.

- Olhe venham depressa que está lá um senhor para me levar.

- "Para te levar para onde? Tão pequeno queres ir servir?"

- Então os meus irmãos também andam a servir e o pai para comprar o milho tão caro...

Não se encontrava um alqueire... Um homem ganhava aí 20 escudos a trabalhar de sol a sol e era quando aparecia o dia 18, 20 escudos e um alqueire de milho chegou a 100 escudos. E era encontrá-lo. Nós e muita família humilde. Deus deu-me essa grande inspiração de eu querer aliviar os meus pais. Os meus pais vieram.

- "Mas ainda és pequeno, não vais! Olhe, ele é pequeno não o deixamos ir."

- "Estejam descansados, eu trato-o bem."

Então ele veio do Pisão de Côja para a Vide na bicicleta a pedais. Fôramos a pé daqui para Vide, depois levou-me no selim da bicicleta. Ele a pedalar e ao outro dia esteve um dia ou dois de cama. Eu era miúdo com 7 anos, mas era assim forte, era gordinho. Nunca tinha visto carros. Ainda me lembro quando passei na Ponte das Três Entradas.

- Eh! Olha ali uns carros tão grandes!

Ou umas camionetas. Eu todo admirado que nunca tinha visto carros. Nunca tinha daqui saído. Depois estive lá quase três anos. Fui para lá tinha 7, tinha feito 7 há pouco e sai de lá tinha feito 10. Porque a minha mãe deu uma queda. Eu gostava de lá estar. De dia, de manhã era ir buscar ou lenha ou um bocadinho de mato para a cama das ovelhas. Davam-me comida e depois era vestir e calçar e 100 escudos por ano, 100 escudos por ano era quanto eu ganhava. E depois desses três anos vim porque o meu pai foi lá e pediu.

- "Olhe a minha mulher caiu, deu uma queda e eu não tenho lá os outros meus filhos, também estão a servir e eu agora precisava dele para me ir tratar de umas cabritas que eu lá tenho."

Também tínhamos cabras e ovelhas, era costume. Tinham sete, oito cabeças cada pessoa.

- "E roçar o mato. A minha mulher não pode e eu também não e agradeço que mo deixem levar."

Ele disse: - "Também cá precisávamos dele, gostamos cá dele, mas é seu filho. Você como pai está em primeiro lugar."

Mas depois ainda me lembro estavam lá pessoas.

- "Não vás, diz que não vais."

Disse: - Eu gostava de cá estar mas também tenho pena da minha mãe.

E vim. Ainda me lembra que viéramos do Pisão para Côja, que é perto, depois apanhávamos a camioneta para Pomares e de Pomares a pé para aqui. Eu estive lá três anos e só cá vim pela Páscoa. Isso é que eu dizia logo ao meu pai:

- Peça aos meus patrões que me deixem lá Domingo de Páscoa porque se não deixam eu vou-me embora, não estou cá nem mais um dia.

No Domingo de Páscoa íamos cumprimentar os padrinhos, convivíamos e depois no dia seguinte lá ia eu, às vezes a pé. Cheguei a ir algumas vezes a pé daqui para o Pisão de Côja.

## **Educação *"Fiz na escola 20 o exame da terceira"***

O exame da terceira fiz no bacalhau. No bacalhau andava lá um professor que era de Oliveira de Azeméis. Um bom professor. Eu na altura não tinha possibilidade. Facilitaram-me livros e assim fiz na escola 20 o exame da terceira. Depois o da quarta já a fiz no Ateneu, em Marvila. Andei lá numa escola e fiz então o exame da quarta. De lá vim para o comércio.

## **Religião *Uma vida sempre perto de Deus***

### **"Tive que aprender de cor"**

Andei na catequese porque era uma coisa que eu pedia. Lá fiz questão que eles me deixassem ir à catequese. A catequese era à noite numa salazinha junto à casa do senhor padre. O senhor padre António Alves Matoso tinha um irmão que

era José Alves Matoso, que era bispo da Guarda e estudaram aqui, um e outro, o princípio dos estudos foi aqui no Piódão. E ele dizia-me:

- "Francisquito, não ouviste dizer que houve lá um seminário?"

- Ai o meu pai disse-me que houve lá um seminário com o senhor Cónego Nogueira que é um grande homem que por ali passou. Um dia ainda lhe hão-de pôr uma estátua, que ele bem que a merece.

Então depois vim para aqui. Quando cheguei foi quando o senhor padre António era sacristão e foi para o seminário. O padre que cá estava disse:

- "Ó Francisco, diz ao teu pai se eu posso ir falar com ele."

E o meu pai: - "Diz ao senhor prior que venha falar com o pai. Diz que venha. Se não estiveres lá com respeito na Igreja já sabes que levas."

E ele então foi lá. Chegou lá:

- "Olhe eu vinha aqui pedir-lhe para se deixava ir o seu Francisquito para sacristão. Porque o Antonito da senhora Albertina vai para o seminário."

Era lá nosso vizinho. Os meus pais até eram compadres da mãe deles. Eu até lhe porquê que eram compadres. Era porque tinham baptizado um irmão que morreu, também era Francisco, que eu já não conheci.

Na altura eu andava a guardar um miudito, uma irmã minha que era mais nova que eu, chamava-se Conceição.

- "De manhã vai fazer assim o que tem para se fazer, depois precisas de ir tratar das coisas dos animais e assim, mas pela hora do calor vai lá a minha casa e a minha tia toma conta da menina, da irmãzita, da Conceição, para eu o ensinar."

O meu pai só disse:

- "Ouve lá, queres ir aprender? Se queres vai porque o saber não ocupa lugar, mas depois já é para cumprires como deve ser. Depois já sou eu que te exijo."

Então eu fui para sacristão. Depois tive que aprender de cor. Eu sempre fui muito dedicado à Igreja. Desde miúdo que me puxava muito para as coisas da Igreja, desde pequeno já era enfim uma inspiração que o Espírito Santo me deu. Então aprendia de cor. Na altura era tudo em latim. Nós chegávamos ali e "Hospitalitatem nolite oblivisci, per hanc enim latuerunt quidam angelis hospitio receptis". E eu não sabia muito bem o que eles queriam dizer, mas aprendi aquilo ao pormenor. De sacristão ia ajudar à missa. Ia tocar para a missa. Ganhava na altura 120 escudos por ano e 25 tostões dos baptizados e 5 escudos dos casamentos. O que é faziam-se muitos baptizados que eram famílias numerosas. Portanto aqui o Piódão na altura era capaz de ter umas 350 pessoas. Tinha muitos casais novos. Famílias numerosas.

## Práticas de igreja

Eu às vezes ia lá, chegava a lá estar aos oito dias quase, na Fórnea.

### "Vi que houve ali uma mão misteriosa"

*Havia um casal que vinha da Fórnea. E um dia estava a nevar, nevava bastante e na serra já devia dar por cima do joelho talvez. Eu ia ajudar à missa, era o senhor padre Ilídio dos Santos Portugal. Ele disse:*

*- "Francisco, vai acender as velas. Vamos começar a missa."*

*- Senhor prior, esperemos um bocado porque está a nevar. Na serra neva muito e aqui ora neva, ora que está de chuva. Na serra está alta. Ele vem e depois chega cá e não assiste à missa e fica com pena. Ora fosse eu.*

*E diz ele assim:*

*- "Olha tem juizinho nessa cabeça! Então algum dia assim ele vem?"*

*- Olhe a senhora Inocência é capaz de não vir, mas o senhor Augusto vem.*

*Olhe que ele vem.*

*Ele hoje tem uma filha, que é Maria que é ministra da comunhão também, pessoa com muita fé, com verdade.*

*E diz ele assim:*

*- "Ó Francisco ele assim não vem, não vêes que a neve lá está alta? Aqui é menos, mas na serra dá-lhe por cima dos joelhos de certeza."*

*- Olhe que ele é capaz de vir.*

*Pronto ele teimou e eu fui para acender as velas, mas não fiz de propósito, só sei que aquilo vinha nuns solitários altos em vidro. Havia quatro: dois grandes e dois mais pequenos. Era no altar do Coração de Jesus. Eu quando vou para acender, caem os solitários cai tudo. Caiu tudo e alguns ficaram deitados. Espalhou-se tudo e houve um que ficou deitado em cima do altar. As flores caíram e a água entornou-se. Eu ali vi que houve uma mão misteriosa.*

*- Olhe senhor Prior, espere mais um bocadinho. Caíram as flores todas e caíram os vasos, os solitários. Caiu tudo e está tudo espalhado.*

*- "Como é que fizeste isso?"*

*- Olhe, fiz como das outras vezes. Eu ainda não tremo e eu fui para acender. Olhe, quando dei conta caiu tudo. Não ficou lá nenhum. Olhe que está tudo espalhado.*

*Fui chamar a irmã dele, a Mariazinha e era uma prima minha, chamada Nazaré. Elas lá foram, juntaram as flores lá estiveram a pôr. Alguns entornaram-se, mas não se partiram. Lá as apanharam, lá compuseram aquilo.*

*Vá lá que as toalhas não se molharam, se não tinham que pôr outras. Quando estavam prontas eu disse:*

*- Pronto, olhe agora já estão prontas se quiser esperar mais um bocado.*

*- "Ah, Francisco não te disse há pouco? O senhor Augusto não vem."*

*- Vamos a ver.*

*A acabar eu de chegar ao altar, o homem a entrar pela porta de baixo. Trazia uma capa grande. Antes tinha uma grade grande em baixo, passou a grade, correu a água que eu no fim da missa fui apanhar com um pano. Mais de meio de água. Eu apanhei com um pano e espremia. E eu disse:*

*- Ó senhor Augusto, vá agora a minha casa e veste o fato do meu pai, enxuga-se esse e toma um café quente. Fica a enxugar e levo-o ao domingo.*

*- "Não, agora estou molhado. Agora começou a chover, a neve agora já derreteu mais."*

*- Faça isso! Ande lá! Olhe que o meu pai até fica contente. Faça isso.*

## **"Sirvo um Deus"**

Em Lisboa fiz parte da Liga Eucarística dos Homens, da Liga Operária Católica, na Igreja do Beato, em Santos, em Alcântara. Fui uma pessoa assim, sempre gostei muito de estar ligado à Igreja. E tenho sempre em mente que tenho que servir um Deus. Que sirvo um Deus que me há-de julgar e parte do que eu estou aqui a passar é o purgatório. Porque nós, todos nós temos que sofrer. Nós vemos que São José que era o pai adoptivo sofreu muito. Era preciso ter muita fé para ir quando o anjo lhe disse:

*- "Levanta-te toma o menino e sua mãe e vai. Parte para o Egipto porque o rei Heródes quer atentar contra o menino."*

Se ele não tivesse fé dizia assim:

*- "Então, mas afinal tenho-o como Deus e tenho que fugir? Então ele não faz com que esse facínora desapareça?"*

Ele aceitou. Sofreu. Nós vemos os apóstolos a começar por São Tiago, que foi o primeiro que deu a vida. Não é porque Senhor também tomou consigo Pedro, Tiago e João e se transformou no Monte Tabor, só para que eles vissem que na verdade Ele era aquele que tinha um prémio. Ali o viram tal como Ele está na sua glória. Mas no entanto a carne é fraca Pedro ainda o negou. Ainda o negou. Mas depois arrependeu-se e foi o primeiro Papa. E eu também tenho muita fé em Jesus!



**Ana Maria, filha de Francisco Lopes dos Anjos,  
no dia da Primeira Comunhão (Lisboa, 1981)**

### **Casamento "*Havia muito respeitinho*"**

Ai eu gostava muito de namorar. Eu pensava assim: ora se daqui a amanhã, por exemplo, eu quisesse pedir em namoro uma rapariga, ver se eu era aceitável, se eu tinha aceitação se não tinha. E de facto até em Lisboa pedi namoro. Depois namorei aqui, mas dantes eram namoros, em que havia muito respeitinho.

Depois casei. Sou casado. A minha mulher até ainda era minha segunda prima. Eu levava um fato preto e ela levava um vestido azul. Eu não gosto nada do preto, mas pronto na altura usavam assim. Só o vesti o dia do casamento e depois vesti o dia em que faleceu o meu pai. Nunca mais o vesti, até o dei a um rapaz para o usar. Não gosto de preto. Quando faleceu a minha mãe comprei três t-shirts, tenho-as lá. Usei-as um tempo. A minha mãe precisa lá é de muitas orações e eu tenho-lhas feito. Ficou bem entregue nisso.

A festa era o almoço. Era em casa dos pais. Íamos à Igreja, com os padrinhos. E depois era em casa dos pais da noiva é que era sempre um almoço,

um banquete. As pessoas tinham cabras, matavam uma cabra, depois faziam o arroz-doce, coscoréis, as tigeladas, pão-de-ló e isso. Na altura ainda era com um pauzinho, não havia batedeiras eléctricas, porque ainda não havia electricidade.

Tenho quatro filhos e a minha mulher agora está lá ao pé deles. Porque na verdade aqui quanto a saúde estamos mal. Estamos mal porque estamos longe. Tenho dois filhos que vivem no Cacém, na rua São João de Deus. Um filho e uma filha. E todos os outros estão solteiros, estão em Lisboa, na rua do Olival.



**Francisco Lopes do Anjos, acompanhado pela esposa e pelos filhos, na comemoração do seu aniversário, em Lisboa, 1976 (da esq. para a dta: Francisco, Maria de Lurdes, Ana Maria, António, Fernando e Francisco)**

### ***Percurso profissional *Do trabalho do campo para o trabalho na cidade, passando pelas minas****

#### **"Só vim uma vez pela Páscoa"**

Eu com 7 anos fui servir para o Pisão de Côja. Estive lá quase três anos. De maneira que depois fui crescendo um bocadinho e fui servir novamente. Fui estar no Porto da Balsa a servir, guardar umas cabras, deviam ser à volta de 50 cabras. Estive lá um ano a servir. Davam-nos comer vestir e calçar e dinheiro.

- "Ouve lá, queres, gostas de cá estar?"

- Gosto.

- "Queres cá ficar, fica."

A partir daí já tinha que ficar o ano senão, se eu viesse para casa, ele dava-me uma tarefa e fazia-me ir para lá. Não me obrigava mas era assim. Na altura não sei o meu pai é que ajustou. Mas eu fiquei chateado costumavam dar, chamamos uma chibarra, aquelas cabras ainda novas, uma chibinha assim que nos davam também quando era no fim do ano. Quando era no ajuste davam uma cabrinha pequena, por exemplo. Como na altura eu não estava quando fizeram o ajuste... E depois perguntei:

- Então ajustaram também ser uma chiba?

- "Ai não, o teu pai não me falou."

E eu andei já mais um bocado de má vontade. Já me confessei a ele próprio, já lhe disse, ele ainda é vivo, que era o Ti Mário eu disse:

- Ó Ti Mário eu depois procedi mal, não me interessava a pastar as cabras como deve ser porque fiquei contrariado e estou arrependido disso mas olhe peço desculpa.

Eu devia zelar mais por elas, não zelei tanto como devia ser. Estive lá um ano e três dias, só cá vim uma vez pela Páscoa. Não tínhamos domingos, não tínhamos dias santos, não tínhamos nada. Pronto, lá estive e depois no fim do ano vim.

## **"Pegar na enxada"**

Ainda andei na floresta a trabalhar. Depois fui para o Ribatejo. Fui para lá ainda novo. Íamos em Setembro, mais ou menos 27 de Setembro que a gente ia. Ganhávamos 150 escudos por mês. Aquilo é que era escravidão, 150 escudos por mês até Fevereiro. De Fevereiro em diante era 250 e depois vínhamos em Junho, mais ou menos a 27 de Junho é que vínhamos. Na verdade era um trabalho duro. Os do primeiro ano chamavam russos, moços ou russos. Éramos uns criados dos outros mais velhos. Em vez de nos ajudarem, de nos encaminhar. Não. Nós tínhamos que nos levantar de noite e ir buscar água e lenha.

A água era tirada de um balde de um poço fundo. E a água no poço quanto mais alta está, melhor se lhe chega. Aquilo eram uns poços fundos e se estivesse mais alta já melhor se lhe chegava. Íamos lá buscar um barril de madeira e aquilo pesava, depois de cheio de água. Levava-se para onde se andava a trabalhar, nas vinhas. Mas tínhamos que ir buscar a água e a lenha para se fazer as papas antes de se entrar ao serviço. E depois pegar na enxada e ir fazer o trabalho com os outros. Então andei um ano na Quinta do Alvito, andei outro ano na Quinta

do Campo e nos Casais da Marmeleira, tudo ali naquela zona do Carregado, Alenquer. E depois andei na Quinta da Granja. Portanto andei três anos lá. Aí ao domingo já íamos à missa. Já tínhamos uns colchõezinhos. Nos outros lados era cesteiras. Era tudo em cima de umas cesteiras que juntávamos e onde a gente dormia. A comida era dar-nos 30 quilos de farinha, 2 litros e meio de azeite e 5 litros de feijão ou grão. Mas o feijão ou grão lá guardava e mandava era cá para os meus pais.

### **"Agora ando a sofrer"**

Andei nas Minas da Panasqueira, fui para lá em 1955 e 1956, andei lá dois anos. Atravessei aqui estas serras. De vez em quando caíam grandes nevões... Umás vezes ia pela Malhada Chã. Passava em cima ao pé do ponto geodésico, descia a Malhada Chã, depois subia uma serra e descia outra, portanto era longe. Era mais ou menos como daqui a Côja. Mas mais difícil. O terreno é melhor que é subir uma serra e descer outra. Outras vezes ia por cima de Chãs d'Égua. Passava onde nasce o Rio Ceira. Bebia lá muitas vezes naquela nascente.

Depois, naquele ano vim embora, também porque tinha que ajudar a mudar a perna porque não era capaz de dobrar. Cheguei aqui eram dez horas da noite. De noite porque isto de Inverno anoitece aí às cinco. Sozinho na serra e antes havia lobos, agora desapareceram mais quando começaram a fazer estas estradas. Eles com o barulho fogem, mas antes havia.

### **"Botas de pneu"**

*Uma ocasião, cai um nevão grande, tão forte que houve uma semana que ficamos nas Minas, não viemos. Eu vinha sempre os fins-de-semana, mas nesse fim-de-semana ficáramos lá. E depois viemos no outro. Chegáramos ali onde eram as águas Ceiras. Ali havia neve que eu sei lá, mas andavam mais pessoas dos Chãs d'Éguas homens que até eram muito meus amigos e eles já sabiam o trilho, aquele caminho que a gente pisava todos os dias. Não se via o caminho mas eles sabiam o trilho que estava calcado e não era tão fácil a gente cair. Mas eu, já sabe, mais novo toca a andar. Cheguei ao cimo de Chãs d'Égua aí então é que não se via nem uma peneda, nem giestas. Havia lá um giestal grande dantes, giestas da grossura de uma perna, e estava tudo debaixo da neve. Eles vinham e traziam umas botas de borracha altas atavam-lhe uns panos por cima e a neve não entrava. Eu trazia umas botas de pneu e entrava a neve dentro. Aquecia, derretia e ficava a chocalhar dentro. Eu virava-as e saía, pronto. Safei-me bem. Eu trazia lá uma gabardinazinha velhinha. Chego em baixo, embrulhei-me na*

*gabardina deitei-me a rebolar, a rebolar por ali abaixo. Por cima da neve a rebolar, mas o tronco anda mais que os membros, são mais largos. Quando ia de cabeça para baixo parava outra vez. Quando cá cheguei abaixo chamam a Chã, em Chãs d'Égua, dali para baixo já comecei a ver moiteiro, mato, penedas e assim. Depois já se via o carreiro, a neve já estava ali a derreter mais um bocadinho, porque em cima não dava o sol não derretia. Então venho para baixo a olhar e eles estavam lá para cima, ainda ao pé da serra, pareciam mosquitos com um pau. Cheguei cá em baixo, havia lá um senhor numa tabernazinha, o senhor Zé Moreira, por acaso eram muito meus amigos. Ali em Chãs d'Égua sempre fui muito estimado. Era uma gente muito hospitaleira, muito hospitaleira mesmo. É pena agora haver pouca gente. Andava lá um senhor comigo, Manuel Bernardino, que me deu muito apoio, foi um segundo pai para mim, ele ajudou-me muito. Depois fiquei lá e ia muita vez com ele. Dá-me sempre bons conselhos, animava-me e assim. Então cheguei cá em baixo ao Zé:*

*- Ó ti Zé pese-me aí um bacalhau.*

*Era a 12 escudos o quilo mais ou menos. Pesou-me um bacalhau.*

*- Arranje-me aí um alguidar.*

*Desfiei o bacalhau.*

*- Agora arranje-me aí uma cebola se faz favor.*

*E foi-me buscar uma cebola das dele.*

*- E agora arranje-me aí meio litro de azeite.*

*Foi-me buscar um copo de azeite à pia. Aquilo vinha parecia a flor da mimosa, coalhado. Teve que o pôr dentro de um tacho para descoalhar. Descoalhou, eu já tinha o bacalhau desfiado. Ficou ali maravilhosamente. Quando eles chegaram:*

*- Andem cá. Ponha aí 2 litros de vinho e uma laranjada dentro de uma cântara. Andem cá que já está aqui o petisco.-*

*Ó rapaz, ainda hoje me está a saber aquele bacalhau. Depois daquela caminhada e daquele ar frio ainda hoje me está a saber.*

## **"Um liso a cair"**

*Nas Minas era mineiro, mas um dia andavam a fazer uns cortes de experiência, em que era para porem uma verguinha. Aquela verguinha na ponta era rachada e tinha como que era uma cunha. Aquilo tem lisos e era a ver se aquilo segurava para aquilo não cair. Eram uns cortes de experiência. Eu baixei-me, o marteleiro, começava com uma broca pequena e quando aquela entrasse, depois já era outra maior. Eu estava a chegar as brocas. Quando estava abaixado caiu-me uma pedrazita de cima do capacete vou a olhar e vinha*

*um liso a cair. Eu só tive tempo de agarrar nele e atirar com ele para o lado. Depois quando eu atirei com ele para o lado ia para me dar com uma broca na cabeça. Julgou que eu estava a brincar ou que era para o agredir. Quando cai aquilo ele começou a chorar e foi ter com os gerais e disse:*

*- "Olhem se não é ele que me livrou eu ficava lá."*

*Ficou mesmo onde ele estava. Eu se lhe fosse a avisar nem dava tempo para nada. Tive o sangue frio e atirei com ele para além, a receio. Na altura era um rapaz ainda novo. Tive agilidade e tive uma inspiração forte. Depois disseram que eu escolhesse se queria ser entubador, ferrista ou escombrador e eu disse:*

*- Eu não vou andar cá muito tempo de mineiro.*

*O meu pai foi uma coisa que me pediu:*

*- "Não vás mais para as Minas."*

*É que aleijou-se lá muita gente. Até um senhor ali da Foz d'Égua, esse ficou lá nas Minas. Ali dos Chãs d'Égua também ainda se lá aleijaram diversas pessoas. Lembro-me lá de uma pessoa, que andava com uma perna de pau e foi lá que a partiu. E quando se sabia eram dezenas deles que se aleijavam. O meu pai tanto me pediu...*

## **"A ganhar 40 escudos por dia"**

Trabalhei nas Minas da Panasqueira, fui para Lisboa e depois vim novamente. Voltei para as Minas, andei mais dois anos e depois fui novamente para Lisboa. Portanto andei 25 anos em Lisboa. E lá, em 80, tive um enfarte cardiovascular. Era muito trabalho, muita, muita preocupação da vida e assim. Tive um enfarte. Eu trabalhava na altura na Casa Eduardo Martins. Era uma casa muito conhecida, até me pediram para andar lá de serviço, mas não, que eu gosto de andar a conviver.

Em Lisboa o primeiro trabalho que tive foi na Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau. Foi o primeiro serviço que lá tive. Ganhava 28 escudos por dia. E depois de lá fui para a Sociedade Nacional de Sabões, que era em Marvila, a ganhar 40 escudos por dia. Fazia às vezes umas horazitas e assim.

Tinha um irmão que era estabelecido na rua Maria Pia e ele convidou-me para ir trabalhar com ele e ir para o comércio. Tive um trabalho na Estefânia, num bar, no bar Estrela Estefânia. Aí estive uns dois anos e tal. Ganhava parece que era 1000 escudos por mês, só. Estive aqui mais algum tempo, depois fui novamente para Lisboa. E ultimamente na última casa em que estive foi a Eduardo Martins. Estive 11 anos, saí de lá em 80, entrei para lá em 69. E é assim.



**Francisco Lopes do Anjos com os filhos Ana Maria, Francisco e António (Lisboa, 1974)**

## **Costumes *A união faz a força***

### **"Antes eram os machos"**

Cortava-se a giesta, mexia-se a terra com um sacho, que tem de um lado um peto e de outro lado pá. E depois queimava-se porque isto em volta estava tudo limpo porque se andava a fazer o carvão. Também ainda fiz carvão. Vinham uns machos carregar o carvão levavam-no ali para o Monte Frio. No Monte Frio havia um homem que negociava carvão. Por exemplo, o homem da taberna é que tinha o macho, ele comprava carvão, depois levava-o para lá e para cá trazia coisas. Havia lá uma senhora que era a Assunção Peres aquilo era como um entreposto que tinha. Vendia azeite, feijão e sal para eles trazerem para as tabernas. O macho ia carregado para lá e vinha carregado para cá. Vinham aqueles que percebiam, até vinham do lado de Casegas. Vinham muitas pessoas para aqui. Faziam muitos negócios assim com machos. Chegavam-se a juntar ali 30, 40 almocreves.

Na Covilhã eu tinha uma tia, irmã da minha mãe, uma irmã dela e mais pessoas que fizeram muita viagem para a Covilhã. Foi centenas de vezes à Covilhã. Andava pela semana a juntar os ovos. Iam ao Sobral Magro, ao Soito da Ruiva, a estas zonas por aqui e traziam os ovos. Juntavam-nos e depois iam com uma cesta de ovos daqui para a Covilhã, que é uma lonjura enorme. Subiam à serra. Ainda me lembra andarem muitas pessoas também de Chãs d'Égua a irem para a Covilhã. Passavam na serra e até havia pessoas que iam para lá vender café, vinho, cerveja.

### **"Nunca foi preciso dinheiro"**

Antes não havia um palmo de terra que não fosse cultivado, era tudo, tudo cultivado. Num ano era numa barroca, outro ano noutra, outro ano noutra. Vinha-se cavar, depois vinha-se enleirar, porque enleirar dá muito trabalho. A terra é lavrada e então tem que se empalhar com o mato ou caruma para que não esbarroque. Nós até temos por hábito dizer "quem bebe, deve comer porque senão esbarroca". Todos os anos se cavava, se cortava a giesta, depois mexia-se com um enxadão e enchia-se a terra. Depois queimava-se aquela lenha e aquela cinza é que era o adubo.

Semeava-se o centeio. Esse centeio depois era malhado. Quando era no princípio de Julho estava maduro e era malhado na eira. A gente punha um monte de centeio, íamos buscar os molhos e depois escrevia-se numa pedra de xisto "Dia 21", por exemplo, "malha César Pacheco" era o meu pai. "Dia 22 malha fulano". E depois as pessoas ajudavam-se umas às outras. Era tudo comunitário. Por exemplo, um rapazinho vai ajudar a 1000 escudos à hora. Não dá, não se tira rendimento para pagar oito horas. São 8 contos e depois ainda se lhe dá bebida e uma pequena refeição. Antes ajudavam. Na enleira e na cava eu recordo que, por exemplo, os meus pais e os meus tios nunca se enganaram nos trocos, porque nunca foi preciso dinheiro. Era ajuda por ajuda e era assim que se podia cultivar alguma coisa, se não fosse assim, era mau. Também tínhamos gado. Pronto, iam ajudar. Aquilo era troca por troca. As pessoas eram pobres, mas muito alegres e comunicavam muito. As pessoas agora tentam resolver por seus próprios meios, individualmente, e antes era mais comunitário, era importante.

### **"Alqueire e meio de milho para dar broa"**

Havia as debilhas. Quando eram as debilhas do milho a gente juntava-se.  
- "Ai vai-me ajudar a debilhar."

Eram pilhas grandes. Depois secava-se no outeiro, naqueles estendais. Tinham até numas barraczinhas tipo uma arca. O milho andava aí uns três, quatro dias ao sol. Depois são as debulhas. Uns andam com umas estacas a malhar, com as pessoas a debulhar. Às vezes, davam uns figos ou um copinho de aguardente ou de vinho às pessoas, a quem queria.

Os moinhos era para moer o grão e moíam o centeio também. Os moinhos, quer dizer, havia aí uns 13 moinhos a moer, 13 ou 14 a moer de noite e de dia. Porque as pessoas, cada uma tinha uma certa parte nesse moinho, por exemplo, tinham um dia ou uma noite. Eu não tinha na altura moinho. A minha mãe tinha, mas nós somos muitos irmãos. E houve um senhor que depois foi para ali, comprou em Vinhó e eu comprei-lhe uma parte do moinho. Ele tinha parece-me que era uma noite. Umhas vezes era uma noite, outras vezes era o dia. Era de oito em oito dias. Na altura dei-lhe 1 conto e 100, era muito dinheiro na altura. Comprei-lhe essa parte, mas eu era um mês que andava para ganhar 1 conto de reis.

A minha mãe vinha muitas vezes para o moinho. Ia comprar um alqueirezinho de milho, vinha aqui moê-lo muita vez. Havia pessoas que cediam aí aos 100 alqueires de milho, havia muitos a 40, 50, 60. E quando a minha mãe vinha moer mas elevava-se-lhe o moinho? Ela ia-se deitar, chegava de manhã julgava que ele tinha moído qualquer coisa, mas juntava-se folhado na gradezinha e depois já não ia água suficiente. Ela tinha que cozer por semana aí alqueire e meio de milho para dar broa, mas já não podia cozer nesse dia. Lá pedia a uma pessoa que deixasse moer porque depois precisava. Ia-se pedir uma broa emprestada. A pessoa emprestava a broa, quando cozesse dava-se-lhe a broa, era assim. Havia muita entreatuda.

Do grão era a farinha e depois cozia-se no forno, porque raramente se comprava um pão de trigo. Só se comia um trigo uma vez por festa. Um trigo ou um papo-seco. De maneira que era broa, pão de milho. Quando vinha alguém de Lisboa que trazia um papo-seco:

- "Aí traz-me um papo-seco."

Era uma alegria para a gente.

As senhoras também só comiam uma galinha quando tinham os bebés. Aí é que se matava uma galinha, fora disso não.

Havia um forno também comunitário em que a pessoa, por exemplo, à segunda-feira chegava lá e ia pôr lá um ramo. Ia lá na segunda-feira cozia, mas geralmente coziavam três pessoas. O forno levava aí umas 40 broas coziavam sempre aí umas três pessoas. Depois tinham sempre os miúdos para dizer:

- "Olha vai dizer à fulana que amasse."

Iam amassar na mesma altura. Éramos sempre muito obedientes. Mandavam-nos dar um recado e a gente ia logo:

- "Olhe a minha mãe disse que amassasse."

E depois, pronto, na altura cada um ia lá pôr um molho de lenha. A lenha na altura era difícil, agora está aí a lenha, mas antes tinha-se que ir buscar longe. Não havia fogões, gastava-se a lenha toda. Se às vezes chovia havia pessoas que a tinham arrecadado e outros não tinham mas emprestavam-lhes:

- "Olhe empreste-me um molho de lenha que eu afinal quero cozer e a minha molhou-se."

Pronto. Depois fazia-se a bôla. Às vezes, estavam os miúdos e faziam-lhes logo uma bôla. Quer dizer esmagavam, chamavam a bôla. Se ela não chegava, roubava-se um bocado a cada miúdo. Eu, às vezes, estava lá.

Para conhecer as broas punham um belisco, um buraco, dois beliscos ou dois buracos. Um belisco punham por cima apertavam um bocadinho, ficava um belisco. Depois outros eram um buraco, outros eram dois, por exemplo, quando coziam três pessoas. Quando era quatro às vezes já tinham que pôr três buracozinhos. Já sabiam que a de um buraco, geralmente, era do que cuidava do forno. Havia um homem que cuidava do forno.

Quando as mulheres cujos maridos andavam, por exemplo, em Lisboa não tinham, chamavam, pediam a um homem para lá ir cuidar do forno. Ia lá, depois faziam entre todas uma broa, cada uma punha uma mão cheia de massa. Uma broa grande. Ao meu pai às vezes pediam-lhe, que ele ajeitava-se muito bem. Depois davam-lhe uma broa, uma broa grande. Às vezes até acontecia que uma era branca e outra era amarela, mas não fazia mal era massa na mesma.

## **"Havia sempre festa"**

Aqui do Piódão há diversos santos. Há o São Pedro que é o dia 29 de Junho a festa. Desde sempre se fez. Havia os bailaricos e assim. Havia sempre festa. Punham uma procissão, depois um leilão, depois uma procissão e a romaria.

A do Vale de Maceira era uma das maiores romarias destas beiras. Vinham da Beira Baixa que ainda não haviam estradas como agora há e vinham daqueles lados, do Paúl. Até do Fundão vinham pessoas para aqui para a Senhora das Preces. Antes até vinha a filarmónica e vinham músicas. A filarmónica chegou a cá vir de Casegas que é ainda é para lá de Sobral de Casegas. Já é bastante longe, ali já perto da Covilhã. Juntavam-se e depois, quer dizer, faziam uma festa.

Só se comia um bocado de carne fresca quando era pelas festas. Matava-se sempre. As pessoas que tinham, nas vésperas vinham aí chamavam os compradores, os negociantes de gado. Vinham da Vide, outros do Sobral Magro e estavam a matar cabras. Um tinha um carneiro, guardava para matar esse dia, um chibo, uma cabra. E toda a gente matava. Geralmente tudo matava uma rês,

porque o resto vendiam e era venda barata. Mas guardavam sempre um para matar nessa altura.

Faziam um arroz-doce, até havia umas caldeiras para o arroz-doce. Faziam os coscoréis, as filhoses e o bolo do forno. Aqueles bolos como aqui o Ti António da Malhada traz e era como se cá faziam. Juntavam-se as famílias e até de outras terras. As pessoas tinham compadres, tinham pessoas amigas, convidavam-nos a vir. Agora já se faz assim mais à passageiro, mas antes as pessoas eram até capazes de passar mal durante o ano, mas esse dia faziam para que nada faltasse.

### **"Patuscadas"**

No Natal, havia os presépios. Sempre se fez o presépio. A fogueira do Natal, a grande fogueira do Natal. E às vezes nas fogueiras juntávamos uns tantos e fazíamos lá patuscadas.

Havia uma ocasião, que eu me lembro, era em baixo, não havia o largo, porque só se fez quando veio a estrada. Antes aquilo ali era um chão de milho. Ainda me lembro, fomos à mãe da Liberta pedir-lhe uma panela grande que era onde ela cozinhava o comer para os porcos, cozinhava nabos. Fôramos pedir a panela. Os rapazes uns foram buscar umas batatas, outros fôramos buscar um bacalhau, outros foram buscar uma saca de couve branca que havia aqui assim. Depois outro foi buscar azeite. Outras vezes iam buscar umas chouriças e assava-se ou assim. Fazia-se assim patuscadas. Dantes a rapaziada era assim. Um ia buscar umas batatas, outro ia buscar uma chouriça, outro um bocado de carne e ali fazíamos. Porque as noites eram grandes, quando era Inverno, aí às cinco horas anoitece. As pessoas comiam à noite e depois estavam até às dez, 11 horas e faziam assim patuscadas. Era assim.

Outra tradição era a quarta-feira de comadres e a quinta-feira de compadres. Os compadres eram muito amigos, juntavam-se esse dia e iam comer um petisco a casa uns dos outros.

A minha mãe usava sempre as couves para a sopa. Às vezes migava para uma gamela, uma gamelazinha pequenina de madeira. Ali é que migava as couves porque era uma panela grande para dar sopa para todos. Cozia-se feijão. Às vezes, tirava-se uma bacia de feijão e comia-se. Até se punha um dente de alho, um bocado de azeite e assim e elas:

- "Hoje é só um bocadinho de carne."

E depois fazia-se a sopa. Era assim um almoço. Era um almoço bom. Comia-se muita hortaliça e esta hortaliça, esta couve-galega é saudável, é muito saudável. É mais saudável que é, por exemplo, o coração de boi ou assim.

## Festas de Inverno

As Janeiras iam-se pedir. A gente ia:

- "Olhe, dê-me as Janeiras."

Andava-se por aí. Uma dava uma chouriça, outro dava umas castanhas, outro dava outra coisa... No dia de Reis também.

- "Dê-me os Reis!"

Iam-se pedir as Janeiras e os Reis. Cantávamos. Depois em vez de ser a cantar era a falar. Era recitar. Era:

- "Serrico, serrico que esta casa seja bem rica." - Quando davam.

Quando não davam:

- "Serrão, serrão que esta casa caia ao chão."

Pelo Carnaval as pessoas também se divertiam. Vestiam-se. Por exemplo, os rapazes vestiam os fatos das irmãs. Pegavam, iam lá tirar os fatos, depois tapavam até com uma meia ou coisa assim, para não o conhecerem. Uma ocasião em Lisboa, mais o meu irmão também me vesti assim de Carnaval, vesti o fato da minha irmã, saia e casaco, um bocado de *rouge* na cara e fui até Belém. Mas cá fazia-se muito isso.

Depois é como digo, isto pela Páscoa era sempre bom porque era os folares. Havia estas tradições assim. O Domingo de Páscoa para mim foi sagrado e ainda hoje eu vou dar as boas festas. O senhor padre tem mais freguesias, não pode andar a dar as boas festas e eu vivo muito, vivo muito a visita pascal. Eu vou, com todo o respeito, vou fazer a vez do senhor padre. Com duas lanternas, vai a cruz, vai uma pessoa para depois levantar o folar. O folar era para o senhor prior, mas agora tem ordenado. A Igreja faz-lhe um ordenado. Então é da comissão da Igreja, é da côngrua do folar que fazem o ordenado. Eu pela Páscoa vinha cá e ia depois buscar o folar. Os meus padrinhos, na altura, davam-nos um pão de trigo, duas ou três amêndoas e a gente todos contentes.

## "Ainda matei porco"

Havia a matança dos porcos, era muito bom, a burzigada. Era bom porque era assim: juntavam-se as famílias mais próximas. Recorda-me os meus tios, até o pai da minha prima, chamava-se Zé Mestre. Ainda me recorda o meu pai na altura ia lá, ele também sangrava, chegou a matar uns porcos. Éramos miúdos. Quando era a chamuscada era o povo a andar e a gente andava a ver chamuscar. Depois tiravam-lhe aquelas unhas. Aquilo aquecia-se, tirava-se fora e depois a gente todos contentes íamos apanhar. Ficávamos ali. Quando o penduravam, pronto, passavam, apartavam. Apenas o penduravam depois de estar preparado,

abriam, aparavam um bocadinho do sangue. O sangue era cozido num caldeiro, a gente espremia um bocadinho de sangue com um bocado de broa, sabia-nos tão bem. Ai, eu gosto muito daquele sangue que sabíamos que eram animais que andavam cheios de saúde.

À noite, depois da ceia, os homens, as pessoas adultas, estavam na mesa sentados. Aquilo era um banquete autêntico e ficava barato. Era assim: abria-se o porco, tirava-se a suã. Depois chegava lá a mulher da casa:

- "Olhe corte-me aí um bocado da suã."

Sangravam e cortavam-lhe logo um bocado. Cozia um bocado da suã. Faziam os tostelos. Chamam os torresmos, outros chamam-lhe tostelos. Depois faziam aquela parte ao pé da sangria, um bocadinho daquelas costelazinhas, chamam o entrecosto. Aquilo que ainda tinham, cortavam e faziam um arroz. Coziam uma panela de batatas. Às vezes, as pessoas tinham pouco vinho. Tinham aí só um pipito de 50 ou 60 litros, mas guardavam para esse dia sempre uma pinga. Aquilo era só meio quilo de arroz que iam comprar o resto era tudo assim de casa e comiam. Depois acendiam a braseira, porque geralmente matavam sempre no tempo frio. A gente, os miúdos, de volta da braseira os miúdos, os homens estavam na mesa, contavam anedotas. Aquilo era uma alegria. Depois a carne era salgada. Os presuntos punham-nos no sal, salgavam-nos e depois era o governo do ano. Houve um ano que o porco em casa dos meus pais, morreu. Quando era no dia de Natal, dia de Janeiras, dia de Carnaval, os meus tios cada um lá ia levar uma chouricita e um bocadinho de carne salgada. Era carne salgada, olha davam um bocado de carne. Naqueles dias chegavam, cortavam um bocadinho para eles e levavam-nos também, porque o nosso tinha morrido, para que naqueles dias uma pessoa não sentisse a falta. Era importante.

### **"Pedir a protecção ao Senhor"**

Aqui as pessoas que põem cruces nas portas. Têm muitas cruces, isto é a fé. As cruces é a pedir, como é de louro e o louro está benzido. É a pedir protecção a Santa Bárbara, que é a protectora também das trovoadas, e ao Senhor que afaste da gente estas faíscas que caem, ou raios, como queiram chamar.

Nós, Domingo de Ramos levamos os ramos, vão ser benzidos na igreja. Depois no dia de Santa Cruz, que é o dia 3 de Maio, temos por hábito pôr cruces nas portas e nas terras. Eu, por exemplo, ponho em casa e numa propriedade que tenho rio acima. É a pedir a protecção ao Senhor que não venham aquelas faíscas, porque caem raios e incendeiam. Às vezes via-se. Incendiava-se o lume. Até em casa houve casos. Eu tenho um parente, um primo, de Unhais-o-Velho, ele andava lá na fazenda, na propriedade, veio a trovoada, começaram os trovões

e assim. Tinha lá um palheiro onde por baixo tinha as cabras e por cima tinha o pasto e onde tinha os utensílios, uma máquina de sulfatar, enxadas e ferramentas. Estava sentado ali assim, à espera que passasse a trovoada. Entrou uma faísca, foi por baixo à loja matou-lhe as cabras. Ficaram fulminadas. E veio acima e matou-o a ele. Atingiu-o.

### **"As plantas faziam bem"**

Havia aqui o senhor Francisco que era meu tio, irmão do meu pai, que era o médico aqui da serra. Ele ia até Ceiroco, à Covanca e tudo. Vinham-no chamar. Uma pessoa tinha o seu mal e ele ia, mandava ir buscar remédios, mas tudo muita coisa à base de ervas. E ficava ali a encaminhar, a acompanhar o doente durante uns dias. Não o abandonava para ver a evolução. Francisco barbeiro foi um homem que percebia bastante de medicina. Ele estudou livros e depois plantas. As plantas faziam bem. Por exemplo para tirar uma infecção. Uma pessoa apanhava uma espetadela de um prego de uma coisa qualquer, mandava ir arranjar umas tantas ervas fazer, chamavam, um cozimento. Cozimento era como quem faz um chá, depois banhar com aquelas águas, mas além de outro remédio. Ele foi um grande homem que aqui viveu, porque era um homem que se dedicava mesmo à Medicina. E o senhor doutor Vasco de Campos, de Avô, disse que todos os pedidos de remédios que o senhor Francisco pedisse podiam aviar na farmácia que ele se responsabilizava, não era preciso ele ver.

Uma vez, na igreja, fui com a navalha, para tirar em volta aquela anilhazinha que segura a mola da vela. Estava cheia de cera e eu fui para tirar, porque depois não enroscava. Então aquilo escapou de repente, escapou e feriu-me. Depois ao outro dia um tio meu veio-me levar para eu acartar esterco. Tinha chovido muito. Isto de Inverno tinha o esterco por baixo e estava todo molhado. E o esterco tem um azoto, que aquilo queima e infectou-me a mão. A mão pôs-se toda inchada, a criar e depois fui lá e disse-me:

- "Diz à tua mãe que vá arranjar chais, verbasco e alfavaca de cobra, que coza isto bem. Que faça um cozimento como deve ser e ponha uma bacia limpa, uma bacia que não ande lá a servir outras coisas, nem gorduras nem nada. Banhe bem e depois põe aquelas ervas, põe em água conforme possas aguentar e depois cuidado. Enrolam aquilo e põem novamente."

Passado uns dias aquilo rebentou pareceu que eram burras de pipa que deitavam a infecção. Às vezes fazia assim o coser. Ainda uma vez um rapaz estava ao pé de mim, atirou uma pedra e fez-lhe um golpe na mão. Foi ao meu primo António e coseu-lhe aquilo a sangue frio.

A minha mãe deu uma queda. Foi ao mato e estava muito vento. Traziam grandes molhos de mato, o vento empurrou-os, ela caiu e aleijou-se numa perna. Depois andava o meu tio Francisco barbeiro a curá-la, mas ela, coitadita, mal da perna. Na altura curou, mas mais tarde ela teve uma trombose e foi-lhe amputada a perna. Agora já mais tarde. Quem sabe se lá ficou aquilo no osso lá ficou já amassado ou assim.

Ele também vacinava os miúdos. Aquilo era uma espécie de vacina, com um aparo. Fazia uma ranhura no braço e depois punha um líquido. Era ele que vacinava as crianças. As pessoas às vezes ficavam até com cicatrizes nos braços.

A minha tia também era a parteira. Quando nascia uma criança ela é que ia assistir. A pessoa quando via que estava já naquelas horas de aflição, iam chamar a tia Maria Silva. Ela vinha, dava-lhe assistência, ajudava-os, lavava a criança, preparava a mãe e depois preparava os fatos. Depois fazia o comer para o marido. O marido ia para o campo e ela fazia depois o comer.

Ela tanto cuidava dos miúdos, lavava a roupa, fazia tudo, tudo gratuitamente. As pessoas depois lá lhe davam alguma coisa. Voluntariamente davam. Valeu muito essa mulher. Maria Silva, parteira. Tem lá o nome na casa, é à capela de São Pedro. Agora foi o neto que a arranjou. Era uma casa baixita, era dos meus avós. Elas eram três irmãs, três Marias. A minha mãe Maria dos Anjos, ela Maria Silva e a outra Maria da Nazaré. Eram três irmãs, três Marias. Eram três e irmãos eram sete. E acho que morreu um em pequeno acho que eram oito.

## **Filosofia *Uma força interior vinda do céu e da terra***

### **"Recuperação por mim"**

Comecei a andar a sentir-me mal, andei num médico meia dúzia de dias e disse-me:

- "Olhe não tem coração, não está nada bom. É a veia da aorta não dá ar suficiente ao coração. Tens que ter muito cuidado, muito cuidado, não te preocupares muito, não te esforçares demais."

A partir daí eu tive o enfarte, estive no hospital Egas Moniz, estive lá um mês em cardiologia. Depois eu disse:

- Eu vou mas é para o Piódão, porque eu estar aqui no jardim...

Morava na rua do Olival, próxima das Janelas Verdes, mas o barulho transtornava-me. Passavam os comboios em baixo. Eu gostava, mas... Passam os comboios, passam os carros, parece que era um vidro a raspar-me numa ferida. Disse ao médico:

- Ó senhor doutor eu ia para a terra.

E ele disse:

- "Ah não vais, precisas de muita assistência."

Estava na altura depois reformei-me com 5 contos e 160 escudos e tomava todos os meses, além do orçamento, 2 contos e 700 escudos em medicamentos, todos os meses. Eu cheguei a um ponto vim para aqui, começou-me a aparecer assim manchas assim aqui nas pernas no peito, nos braços e eu disse ao doutor, na altura era doutor Cosme disse:

- Senhor doutor não é eu estar-me a antecipar, mas olhe que isto eu ando a tomar medicamentos há tanto tempo e o organismo já se está a sentir. Isto já deve ser efeitos.

E ele concordou.

- "O melhor é parar."

Dá-me mais umas coisas, depois parei com aqueles medicamentos e comecei a fazer uma recuperação por mim. Na altura isto era tudo castanheiros. Havia uma vereda à eira. Foi em 1980 aí há 28 anos. Ia por alguma veredazita, ia para lá, às vezes, de noite faltava-me o ar. Levava uma camiseta vestida, uma *t-shirt* e levava uma toalha, levava uma garrafa de água, duas sandes e ia para lá. Chegava a ir para lá às vezes af às quatro da manhã. Ia devagarinho, sentava-me lá. Aquele ar dos pinheiros, em Julho. Aquele ar dos pinheiros... E depois já não me sentia bem estar parado. Comecei a andar havia lá uns pinheiros. Estavam novos, não tinham ardido. Eu tinha comprado aquela sorte ao senhor padre António, que ele foi para a Moura e vendeu o campo. E depois começava a mondar um pinheiro, via uma pedra tirava. Aquilo estava cheio de silvas, comecei a mondar umas silvas. Fui a Arganil, na altura era 18 escudos, acho que era ir e vir 18 escudos nessa altura, agora já é para cada lado já é 3,85 euros. Ia lá trouxe umas pitazitas, elas iam lá apanhar pinhões ali assim. Comecei a fazer uma recuperação por mim. Já se sabe sempre com muitas dores muita coisa, mas bem.

Depois com o reumático também ainda andei no Instituto de Reumatologia, andei lá há uns 20 anos. A doutora dizia:

- "Ah senhor Francisco, tenho pena porque todos os remédios que toma atacam o coração e os rins e você sofre muito, mas olhe só toma isto quando se vir mesmo aflito."

Entretanto deu-me umas injeções para aliviar os ossos e eles agora dizem-me que os ossos estão completamente queimados. Conforme o gelo queima as plantas assim também o reumático queima os ossos. E tenho sofrido muito. Tive um enfarte cardiovascular e já tive duas trombozes.

Em 80 fui lá a Lisboa fiquei entalado entre duas camionetas na traseira de uma e outra, estive três meses hospitalizados na altura. Fracturei a bacia, parti 12

costelas, deitei sangue pela boca e já lá estive 12 dias no Hospital de São José no, quer dizer, morre agora, morre logo. Não davam nada por mim. Todo inchado, todo coiso. Ainda fui a caminho da morgue porque eu estava sem sentidos.

Como ainda me saí depois estive três meses no desterro. Depois a companhia de seguro deram-me como curado porque não fiquei com cicatrizes exteriores, mas ficou dentro. Tanto que o enfarte que tive o devo a isso. Fiquei sempre a dormir mal, sempre com dores, com muitas dores. É assim.

### **"Plantar uma árvore"**

O problema é dormir mal de noite mas eu gosto do campo, eu gosto do campo. Mesmo agora ando cheio de artroses é nas ancas. Tenho artroses nas ancas, tenho nos joelhos, tenho cinco quistos na coluna que eu, se lhe mostrar radiografias que lá tenho encaminhado... Ainda há tempos fui a Coimbra ao doutor. Disse que tem doentes com menos 25% de mal que eu tenho e já estão acamados. Só peço a Deus que... Da vista também andei três anos em Lisboa no Hospital Egas Moniz chegaram a uma conclusão que isto foi uma pancada que apanhei. Estou bem convidado, estou bem convidado.

Se eu vir uma pessoa tratar mal outra fico doente, fico mal disposto, fico aflito. Se eu vir um acidente também. De noite tenho um sonho, qualquer coisa, às vezes, acordo todo a transpirar, já tenho até ido para me levantar. E ainda hoje me aconteceu perder os sentidos até, de estar aflito e assim. Mas se o médico me dissesse assim:

- "Olhe que você tem um mal que só dura oito dias!"

Eu se tiver que ir plantar uma árvore ia. Gosto muito de árvores. Tenho dois bocados que são meus, com árvores. Tenho oliveiras, parte delas já as plantei. Tenho em cima medronheiros. O campo para mim é o que ajuda. Gosto muito do campo, sempre gostei muito. Eu em Lisboa tirei um cartão até para ir para a Tapada da Ajuda, porque eu gosto muito de sossego e então antes ali era sossego, entravam as pessoas só. Mas eu tinha pessoas conhecidas se não levasse cartão:

- Olhe eu sou Castro. Sou Francisco Rodrigues.

### **Quotidiano *"Tenho sempre o tempo ocupado"***

Agora para aqui é que eu gosto de fazer alguma coisa, aquilo que é produz pouco. O que produzo é para os ratos e para os pássaros praticamente, mas é o que gosto. Há a pêra, há a maçã... Depois há o pêro que é assim um bocadinho mais duro, o que é, é muito alto, eu havia de mondar. Produzo pouco, mas gosto de ter. Já tive umas cabritas e assim, quando andei melhor. Agora tive que acabar

com elas porque já sabe a saúde é pouca e como é pouca se me vou a maçar, a afligir muito, pioro.

Levanto-me cedo. Eu levanto-me aí logo que rompe a manhã. Ainda mal se vê a manhã romper e já eu estou levantado. E à noite também me gosto de deitar cedo. Depois do terço vou a casa como qualquer coisa. Ao almoço estou na Moura a comer, que dantes ia à Mourísia. Como bem. À noite já como uma refeição mais leve e vou-me deitar. O que é às vezes às duas horas, sou capaz de se acordar, já durmo sonos aí só de um quarto de hora ou meia hora. Eu de manhã quando acordo vou tratar. Tinha um curral cheio de coelhos morreram-me todos. Foi pena! Tenho umas galinhazitas ali à eira. Vou tratar das galinhas e tratar dos coelhos. Quando há a rega, vou regar os bocaditos. Tratar a horta. Vou buscar lenha, que gosto sempre de ter lenha, porque não posso pegar em carregos grandes. Dizem até para não pegarem em nenhum, mas eu gosto sempre de ter um *stock* de lenha porque depois vêm as chuvas e agora está leve. Vou arrancar ervas. Tenho o tempo sempre ocupado! Os dias não me custam a passar.

Depois quando é ao domingo levanto-me de manhã, faço a barba, tomo o banho. Vou para a igreja, preparo as leituras, convido alguém para ir ler, se não vão, vou eu.

## **Lugar *Sem luz nem esgotos***

Lembro quando ainda não havia electricidade. Nem havia ainda estrada aqui, ainda não chegava aqui. Quando eu fui à inspecção ainda fui apanhar a camioneta a Pomares, ainda não havia aqui estradas. Depois a luz também veio mais tarde só.

A luz foi uma coisa boa. Quando chegou a luz saíam algumas coisas boas até. A partir daí já começaram a ter os seus aparelhos, começaram a comprar televisões, os frigoríficos. Porque antes nada disto tínhamos. A luz já foi um avanço. E disse sempre que os esgotos também. Dizia sempre que o esgoto era preciso, porque antes aqui assim em volta da povoação é que as pessoas faziam as necessidades. A gente passava, ainda me recordo uma ocasião havia a escola, eu pouco tempo andei na escola, era ali numa casa ao lado do posto do médico. Eu vinha ali a um caminho, ia a andar, escorreguei fiquei todo sujo, tive que ir a casa mudar de fato. Porque era assim o mal das pessoas. Levantavam-se de noite e iam assim fazer as necessidades. Os esgotos foi uma grande coisa, esgotos.



**Aldeia de Piódão (anos 60)**

### ***Pessoas Padre Ilídio Santos Portugal***

A gente éramos famílias numerosas e foi aqueles anos difíceis em que houve aqui uma seca grande, as pessoas tratavam as terras e davam metade aos proprietários. Havia pessoas já idosas, não podiam tratar, então pessoas que tinham mais família tratavam e davam-lhe metade do que cultivavam. Geralmente era milho, era um bocadinho de feijão. Algumas semeavam um bocadinho de batata, mas dantes semeavam pouca.

Depois veio para aqui o senhor padre Ilídio Santos Portugal, que depois faleceu em Maiorca. Esse foi um grande homem que por aqui passou, Ilídio Santos de Portugal era natural de Vide, Entrevinhas, Celorico da Beira e depois daqui foi para Maiorca, onde faleceu. Por acaso eu fui sacristão dele quando ele veio. E esse homem é que disse:

- "Vocês precisam é de primeiro semear batata porque a batata é um alimento que está sempre mais pronto, é cozido, é assado, é frita, é de caldeirada."

## **Sonhos "*Comprei aquela casinha*"**

Os meus sonhos... Fui uma pessoa que, quer dizer, sempre gostei de angariar o pão para cada dia e gostava de ter uma casinha jeitosa, que nunca tive. Por falta de saúde, nunca o consegui. Comprei uma casinha a um tio meu mas nunca a arranjaram.

## **Avaliação "*Muitas coisas que deviam ser divulgadas*"**

Eu acho bem este projecto, acho que vocês são pessoas à altura para isto, porque, na verdade, há muitas coisas que deviam ser divulgadas e não são. E é bom haver quem se dedique a estas tarefas. Acho que é importante!